



AMPLIANDO HORIZONTES: A EXPERIÊNCIA DA LEITURA DRAMÁTICA COMPARTILHADA EM OFICINA VIRTUAL

EXPANDING HORIZONS: EXPERIENCE OF SHARED DRAMATIC READING IN A VIRTUAL WORKSHOP

Fernanda Vieira Fernandes - Docente - Curso de Teatro-Licenciatura. Centro de Artes - Universidade Federal de Pelotas. Grupo de pesquisa "Teatro: Histórias e Dramaturgias" – GETHED.
E-mail: nvnandes@gmail.com

Brenda Seneme Gobbi - Licencianda em Teatro. Centro de Artes - Universidade Federal de Pelotas. Bolsista UFPel PBA/Extensão/AC. E-mail: brendaseneme@gmail.com

RESUMO

O presente relatório tem por objetivo apresentar a experiência da oficina "Práticas de leituras compartilhadas de textos dramáticos", ofertada ao público pelo projeto de extensão "Leituras compartilhadas: práticas de leitura e escuta de dramaturgias", do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. A atividade foi ministrada por três estudantes do curso de Teatro-Licenciatura, colaboradoras do projeto, e foi planejada para o ambiente virtual, devido à crise sanitária provocada pela pandemia de COVID-19. Os encontros ocorreram entre os meses de junho e julho de 2020, com nove participantes de diversas áreas de conhecimento, estudantes ou não da UFPel, e neles foram realizados jogos, exercícios e práticas de leitura em voz alta. A base teórica para a elaboração da oficina e deste relatório partiu de Vidor (2016). Apresentar-se-ão brevemente aqui o projeto, a proposta da oficina, sua metodologia e execução. Além disso, também serão evidenciados alguns aspectos positivos e negativos da experiência no que se refere ao campo *on-line* para a leitura compartilhada, verificados através de pesquisa realizada junto aos participantes, com destaque para questões relativas à busca do prazer de ler, aprimoramento desse hábito e criação de espaços de aproximação e afeto intermediados pela leitura. Por fim, o relatório demonstra ainda a importância de iniciativas como esta para a formação docente das ministrantes, licenciandas em Teatro.

Palavras-chave: Teatro. Dramaturgia. Oficina. Leitura dramática. Leitura compartilhada.

ABSTRACT

This report aims to discuss about the experience of the workshop “Practices of shared readings of dramatic texts,” offered to the general public through the extension project “Shared readings: reading and listening practices of dramaturgy,” from the Arts Center of the Universidade Federal de Pelotas (UFPel). The activity was conducted by three students of the Theater course and project collaborators, and was planned for the virtual environment due to the COVID-19 pandemic. The meetings were held between June and July 2020 with nine participants from different areas of knowledge, and UFPel students or non-students. Games, exercises and reading aloud practices were performed during the meetings. Vidor (2016) was used as the theoretical basis for the development of the workshop and this report. The project, the proposed workshop, its methodology and execution will be briefly presented here. In addition, some positive and negative aspects of this online experience of shared reading will also be highlighted, which were identified through a survey with the participants, with emphasis on questions addressing their search for the pleasure of reading, improvement of this habit, and creation of spaces of approximation and affection intermediated by reading. Finally, the report also shows the importance of initiatives like this one for teacher training to Theater course students.

Keywords: Theater. Dramaturgy. Workshop. Dramatic reading. Shared reading.

INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo compartilhar os resultados da oficina “Prática de leituras compartilhadas de textos dramáticos”, realizada em ambiente virtual, de 22 de junho a 8 de julho de 2020, durante a pandemia de COVID-19. A oficina foi ofertada pelo projeto de extensão “Leituras compartilhadas: práticas de leitura e escuta de dramaturgias”, sob a coordenação da Profa. Dra. Fernanda Vieira Fernandes, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O projeto atua na instituição desde março de 2020 e, atualmente, conta com sete colaboradores, cinco deles estudantes do curso de Teatro-Licenciatura, um deles discente em Cinema e Audiovisual e outro, professor de teatro, egresso da UFPel.

Com foco em oficinas práticas e vivências, o projeto busca propiciar experiências de leituras compartilhadas de textos dramáticos, incentivando a formação de leitores e ouvintes críticos e reflexivos, além de acessibilizar o contato com a literatura e o teatro. Cumpre destacar que a proposta inicial previa atividades presenciais, especialmente em escolas, com estudantes do Ensino Médio. Porém, devido à crise sanitária enfrentada em 2020, fez-se necessário pensar em alternativas para manter as ações do projeto e, nesse sentido, foi a primeira vez que se trabalhou com oficina de maneira remota. Neste relatório, serão apresentados os pontos de preparação, execução e avaliação da ação, salientando pontos positivos e negativos do trabalho. O principal referencial teórico utilizado é “Leitura e teatro: aproximação e apropriação do texto literário”, de Heloíse Baurich Vidor (2016), um dos livros lidos e discutidos ao longo dos estudos.

O projeto de extensão supracitado tem origem em um projeto de pesquisa também desenvolvido na UFPel, desde 2015, o “Leituras do drama contemporâneo”. Sob a mesma coordenação, este desenvolve ações com foco específico em conhecer e se aprofundar nos estudos em literatura dramática contemporânea (produzida a partir das últimas décadas do século XX). Além disso, na tentativa de ampliar o alcance da pesquisa para além do grupo, o projeto realiza leituras dramáticas, seguidas de bate-papo com espectadores, discutindo sobre o texto lido, seus autores/autoras e percepções dos espectadores/ouvintes.

Foi através das leituras públicas que a coordenadora e os colaboradores foram contatados pela primeira vez para realizar a apresentação das mesmas em escolas, no ano de 2016, com o texto “Música para cortar os pulsos: monólogos sentimentais para corações juvenis”, de Rafael Gomes (2012). Após a leitura, durante os debates, quando os alunos das escolas eram questionados sobre o fato de já terem vivenciado uma experiência semelhante, sendo ouvintes de uma leitura dramática, a resposta majoritária era não. Além disso, foi evidenciado pelo projeto que, para a grande maioria, aquele era o primeiro contato com a literatura dramática (Fig. 1). Poucas pessoas tinham a dimensão que o teatro abarcava esse outro campo: da leitura do texto independente da encenação. Neste caso, o ato de ler o texto dramático é um fim em si, não um meio para alcançar a montagem de um espetáculo. Através da leitura em voz alta, busca-se, conforme as palavras de Gideon Alves Rosa, um “[...] processo de criação de imagens [que] provoca no espectador uma outra sucessão de imagens, de modo espontâneo e instantâneo. Realizar esse processo do surgimento de imagens é o ponto desafiador da leitura dramática” (ROSA, 2006, p. 25).

Figura 1 - Leitura dramática realizada para estudantes de Ensino Médio na Escola SESI Pelotas.



Fonte: Acervo do projeto.

A constatação de que poucas pessoas já tinham passado pela experiência de assistir/escutar uma leitura dramática foi essencial para a idealização e desenvolvimento do projeto de extensão quatro anos depois. O grupo percebeu que, para além de tocar os espectadores, poderia formar novos leitores e ouvintes, colocando-os no protagonismo da leitura.

Não é novidade que a leitura por si só não é vista como algo prazeroso no Brasil. Vidor (2016) relata que, em uma pesquisa sobre hábitos e práticas culturais na população brasileira feita pelo SESC São Paulo e pelo Departamento Nacional do SESC, em parceria com a Fundação Perseu Abramo no ano de 2014, apenas 0,3% dos entrevistados apontaram a leitura como uma opção de atividade cultural e 31% afirmaram que nunca leram um livro por prazer. Vidor também chama a atenção para a falta de incentivo no contexto familiar, já que, muitas vezes, os jovens são inseridos em atividades culturais através da escola – e a obrigatoriedade das leituras acaba aumentando a distância do que poderia ser tido como um hábito prazeroso.

Foi neste cenário que nasceu o projeto de extensão “Leituras compartilhadas: práticas de leitura e escuta de dramaturgias”, visando o exercício da leitura como uma outra possibilidade ao se explorar a voz alta, buscando disseminar a literatura dramática, explorar o exercício da escuta, da imaginação e deixar que a leitura reverbere na voz e no corpo, tanto daquele que a executa, como daquele que a assiste/escuta.

QUANDO OS DESEJOS SÃO INTERROMPIDOS, É PRECISO SE REINVENTAR

Os planos de inserção do projeto em escolas e instituições do município de Pelotas, trabalhos que seriam desenvolvidos especificamente com alunos do Ensino Médio, precisaram ser reestruturados por conta da crise sanitária da pandemia de COVID-19. A começar pelo público-alvo, porque as escolas também tiveram suas atividades suspensas e o contato que o projeto vinha estabelecendo com algumas delas cessou temporariamente. Eis, portanto, o primeiro desafio: replanejar o que seriam oficinas presenciais para jovens de modo a realizá-las remotamente, para público aberto, através de plataformas *on-line* que possibilitassem os encontros. A experiência seria inédita para o projeto. Três das colaboradoras decidiram se lançar na proposta: Brenda Seneme, Lorena Zanetti e Milena Vaz, ambas discentes do curso de Teatro-Licenciatura da UFPel, sendo a primeira delas bolsista do projeto, sob a supervisão e orientação da professora coordenadora.

Aderir ao virtual implicou em assumir riscos específicos, como falhas ou quedas de conexão, maior possibilidade de evasão, redução de vagas ofertadas (tendo como referência inicial o número de alunos matriculados regularmente nas turmas de escolas municipais/estaduais de Ensino Médio). Coube às organizadoras pensar em práticas viáveis de construção e troca de conhecimentos, além da fruição dos estímulos e exercícios práticos propostos em sua totalidade, de modo que a experiência final de uma leitura dramática compartilhada não deixasse de reverberar corporalmente, apesar das limitações atravessadas pelo ambiente virtual.

Diante de tais constatações, a oficina se configurou em dois encontros semanais, divididos em duas horas cada, ao longo de três semanas, de 22 de junho a 8 de julho de 2020, totalizando a carga horária de doze horas de atividades síncronas e oito horas de atividades assíncronas. O formulário de inscrição foi disponibilizado *on-line* e divulgado através das mídias sociais oficiais do projeto e da universidade, a fim de atingir a comunidade – universitária ou não (Fig. 2). Foram ofertadas oito vagas, sendo duas delas reservadas a pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas. Para se inscrever, as pessoas interessadas deveriam ter dezesseis anos completos e não precisavam apresentar experiência prévia com teatro ou leituras dramáticas.

Figura 2 - Cartaz de divulgação da 1ª edição da oficina. Arte: Mario Celso.



Fonte: Acervo do projeto.

Na data de encerramento do formulário eletrônico foram contabilizadas cinquenta e quatro inscrições, sendo quatro desconsideradas por repetição e/ou por não cumprirem o requisito de idade mínima. Diante do grande número de inscritos, o projeto optou por aumentar o número de oito para doze vagas, sendo quatro destinadas a pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas. A seleção se deu a partir de sorteio *on-line* – o que já havia sido previsto e divulgado, caso houvesse um número excedente de interessados.

(RE)DESCOBRINDO A LEITURA DRAMÁTICA ATRAVÉS DO CORPO E DA VOZ

Para essa primeira edição, em sua estreia não só como oficina, mas também no campo virtual, a escolha foi trabalhar com o texto dramático “Ano Novo, Vida Nova”, da dramaturga pelotense Vera Karam (2013). Tendo em vista as doze vagas ofertadas, a obra pareceu às ministrantes uma boa escolha, pela discussão que suscita enquanto texto dramático e pela variedade de personagens e possibilidades vocais, pensando em atribuir a cada aluno uma das onze personagens e o restante às rubricas.¹

A divulgação através das mídias sociais gerenciadas pelo projeto e pela UFPel teve o alcance esperado pelas proponentes, pois se inscreveram e foram sorteadas tanto pessoas do curso de Teatro, como de outros cursos da instituição (Jornalismo, Relações Internacionais, Pedagogia e Psicologia) e externas à universidade. O espaço virtual possibilitou que duas alunas do Estado de São Paulo, sem vínculo com a UFPel, participassem da oficina. Dos matriculados, cerca de 41% não tinham experiência prévia com teatro ou leitura dramática. O grupo de participantes, que iniciou com doze matriculados, finalizou com três desistências, resultando em nove alunas, todas mulheres. O texto pensado para doze leitores precisou ser readaptado, de modo que as alunas tiveram a oportunidade de explorar mais do que um personagem, provocando-se para outra composição e interpretação vocal.

As aulas se organizaram a partir de jogos e práticas corporais de leitura, em sua maioria extraídos de Vidor (2016), ou adaptados de exercícios propostos por autores como Viola Spolin (2010), ou, ainda, do repertório que as estudantes ministrantes foram construindo ao longo de sua formação como docentes nas disciplinas da graduação. Algumas práticas de alongamento, relaxamento e aquecimento vocal foram incorporadas às aulas. Com isso, buscava-se que o texto fosse explorado pelas participantes em diversas camadas, as quais Vidor (2016) classifica como leitura de mesa (a leitura crua do texto e a reflexão de seus significados, nessa oficina em específico, considerando qualidades e características dos personagens), leitura em voz alta, a fim de se perceber enquanto leitor e buscar uma construção vocal para as personagens (relacionando as qualidades previamente discutidas das mesmas com essas construções, explorando ritmos, tons, tensões e mudanças nas articulações faciais), até chegar ao exercício final, em que cada aluna teria seu respectivo personagem sorteado e seria, enfim, realizado o exercício de leitura dramática compartilhada.

A escolha pelo tema da oficina se deu, como afirmado acima, em um primeiro momento, pelo incentivo à leitura, pela formação de leitores e ouvintes mais críticos e reflexivos, mas,

1 Rubrica, também chamada didascália, conforme o “Dicionário de Teatro” de Luiz Paulo Vasconcellos, refere-se a “qualquer palavra de um texto teatral que não faça parte do diálogo. Essas palavras podem ser tanto o nome do personagem colocado diante de uma fala, quanto a descrição do personagem, do cenário, do figurino, ou indicações de entradas e saídas de cena, sugestões de marcação ou, ainda comentários explicativos relativos ao estado de espírito dos personagens ao enunciar as palavras do texto” (VASCONCELLOS, 2010, p. 205). Nas leituras dramáticas do projeto costuma-se ler as rubricas para ambientar o espectador/ouvinte sobre as situações, já que a ação efetiva em cena não acontece. A leitura das indicações, neste caso, funciona como uma narração para que o público imagine a cena.

também, pelo espaço que se constitui através da partilha. Sobre a leitura em voz alta, Vidor destaca que: “Nessa prática, podemos afirmar que há construção de sentidos nas ações de ler e ouvir, há encontro, há partilha, há deleite, há uma situação pautada pela intimidade, pela informalidade e que fortalece laços afetivos” (VIDOR, 2016, p. 60).

Esta constatação se fez presente e visível a partir do segundo encontro, quando os exercícios de leitura foram introduzidos, gerando maior interesse e participação das alunas. É possível inferir que, apesar dos dados sobre a falta de incentivo à leitura no Brasil, apresentados na introdução deste relatório, ainda há aqueles que gostam e sentem prazer em ler. Descobrir uma nova forma de ler pode aproximar os sujeitos de tal hábito.

Para a realização da oficina, foi solicitado que as participantes assistissem às aulas em um espaço que possibilitasse o mínimo de locomoção, em que conseguissem realizar alongamentos e aquecimentos corporais simples. Mesmo com a distância física e, por vezes, com problemas de conexão, os exercícios foram realizados e orientados com êxito. A fim de construir maior concentração, bem como realizar desde o início testes relacionados às tecnologias utilizadas (microfones se abrindo e fechando, por exemplo), desde a segunda aula foi instituída e projetada (em tela compartilhada a partir do aplicativo *Google Meet*) uma sequência de leitura entre as alunas.

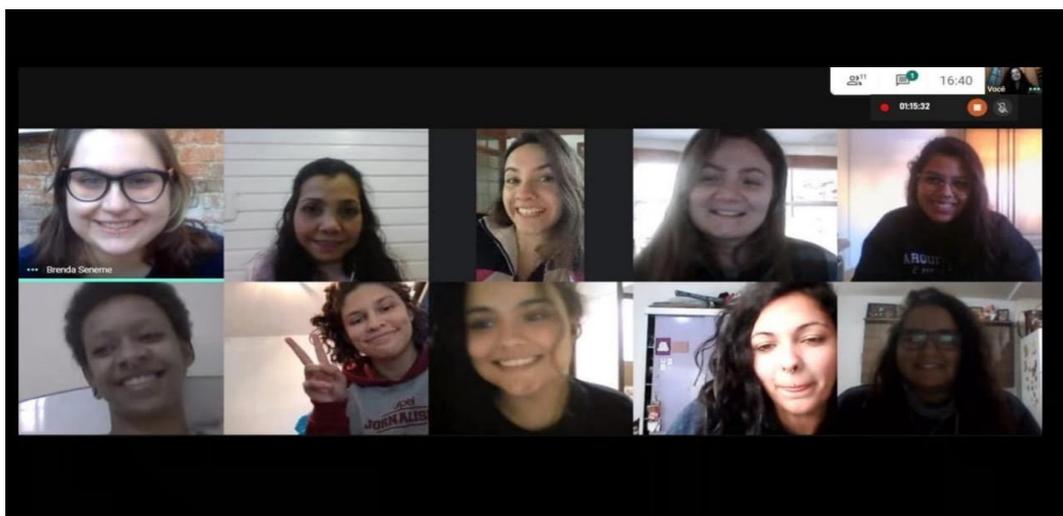
Os estímulos foram introduzidos da mesma maneira, para que todas pudessem experimentar-se enquanto leitoras e, para além, no exercício da observação e escuta das demais, na posição de ouvintes. Por exemplo, pensando em desvendar intenções distintas e desconstruir algumas concepções prévias que poderiam limitar a construção vocal das personagens, foi proposto uma série de exercícios em que, respeitando a sequência projetada, cada aluna explorasse uma fala dos personagens (ainda sem uma separação definitiva) com sentimentos distintos, como se a personagem estivesse com raiva, apaixonada, cansada, ansiosa, gargalhando ou cantando. Em outra aula, cujo objetivo era perceber o ritmo da própria fala e refletir acerca da velocidade a ser proposta para as personagens, os ritmos foram divididos e enumerados de um a cinco, sendo (um) muito lento, (dois) lento, (três) normal, (quatro) rápido e (cinco) muito rápido. As alunas liam na sequência projetada e, quando uma das ministrantes interrompia, dizendo um dos cinco números, obrigatoriamente a velocidade deveria mudar.

Ao final de cada aula procediam-se conversas sobre percepções, sobre o que os estímulos provocavam com relação ao próprio corpo e aos personagens. Todas salientaram a importância da escuta das colegas, sendo propositivas não só no que dizia respeito à própria construção vocal, mas também a das demais.

No encerramento, solicitou-se às participantes que enviassem por meio de formulário *on-line* anônimo algumas impressões sobre a oficina² (Fig. 3). Sobre os aspectos positivos da experiência, a aluna A destacou “os exercícios de aquecimento para descontrair os participantes da oficina e as técnicas de vocalização antes das leituras enquanto elementos necessários para a boa pronúncia das palavras de forma clara e objetiva”. A aluna B relatou ter aprimorado sua interpretação textual, entendendo “como buscar as informações que um personagem oferece dentro do texto”. Ela acrescentou que descobriu novas maneiras de leitura e desenvolveu, em suas palavras: “tons e ritmos para minha voz e passei a entender muito mais fácil o contexto de livros e texto que eu lia e relia. [...] Criei o hábito de ler!”

2 Por ser anônimo, serão usadas consoantes para designar as participantes.

Figura 3 - Registro da oficina.



Fonte: Acervo do projeto.

Das tentativas e frustrações, pode-se concluir que houve mais tentativas bem sucedidas do que frustrações. O desenvolvimento das participantes e suas respectivas construções vocais ficou evidente após a realização do exercício final. O desenvolvimento no que tange à concentração das alunas era tomado como um grande receio, já que cada uma em seu respectivo espaço possuía situações externas que poderiam influenciá-las diretamente. Entretanto, a entrega e persistência facilitaram, como evidenciou a aluna C:

Achei que por ser uma pessoa tímida eu não ia aproveitar tanto, mas no final a dinâmica que as “profes” (*sic*) usaram acabaram me ajudando a participar bastante. Me ajudou a ter uma outra percepção do meu corpo e da minha voz. Consigo reparar uma pequena evolução na forma que eu leio textos em voz alta, deixei de comer algumas palavras e parece mais clara a minha dicção.

O caráter totalmente remoto no trabalho com pessoas inexperientes e desconhecidas do grupo, considerado o maior de todos os desafios, trouxe como saldo positivo a aproximação de pessoas de outros Estados e cidades, que provavelmente não teriam disponibilidade de participação presencial na oficina.

O principal ponto negativo foram as eventuais quedas de conexão (apesar de não terem atrapalhado efetivamente o andamento do trabalho), e um pequeno atraso no tempo de respostas dos diálogos do exercício de leitura dramática compartilhada – acarretado pelo tempo de transmissão da internet. Isto poderia influenciar no ritmo da leitura, porém, devido aos estímulos propostos previamente, testes com microfone e concentração das participantes, não foi considerado como prejudicial à experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A LEITURA DRAMÁTICA COMPARTILHADA COMO RESISTÊNCIA E ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

A experiência relatada aqui surgiu a partir da crise sanitária mundial provocada pela COVID-19, quando foi necessário pensar em adaptações e outras possibilidades para além do presencial. Apesar dos desafios supracitados, a virtualidade possibilitou encontros e novas vivências que talvez nunca ocorressem presencialmente, por questões geográficas, por exemplo.

No Brasil, há uma grande defasagem quanto ao incentivo da prática de ler, todavia “as leituras permanecem vitais pelo aspecto da partilha e ainda se apresentam como resistência

a um mundo que quer tudo digerido, explicado, facilitado” (VIDOR, 2016, p. 63). A oficina de leitura compartilhada de textos dramáticos pode ser impulsionadora para que o exercício da leitura siga sendo explorado, vivenciado e partilhado. A escolha pelos textos dramáticos e sua apreciação possibilita outro tipo de encontro direto com o teatro, que, apesar de ter como características marcantes a efemeridade e a aglomeração (palavra tão temida em 2020), vive e resiste naqueles que se valem de seu poder de transformação, convertendo os empecilhos em potência geradora de conhecimento.

Neste sentido, a experiência foi rica tanto para as participantes, como para as licenciandas ministrantes. O espaço extensionista possibilita que estudantes de licenciatura atuem como professores e professoras em formação. Frente a um desafio e uma nova realidade, o projeto se adaptou para seguir com seus objetivos, mesmo que parcialmente. Ao longo das seis aulas, observou-se o amadurecimento e melhor organização por parte das colaboradoras. Se no primeiro encontro o planejamento de aula não foi concluído por uma administração equivocada do tempo e um receio de que as alunas se desmotivassem, no último, percebeu-se ministrantes muito mais seguras na condução da oficina, preparando-se um pouco mais para os desafios que a carreira docente apresenta.

A oficina, por fim, teve um caráter afetivo, com o retorno de algumas das participantes para outras atividades do projeto, tanto como leitoras, como na condição de espectadoras. Em tempos de COVID-19, quando os contatos físicos estão impossibilitados, pode-se usar a afirmação de Sonia Rosa para entender a proposta da oficina e de seu alcance: “leitura compartilhada é um abraço mediado pela leitura, logo, é um ato de amor!” (ROSA, 2017, p. 31).

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Fernanda Vieira. A pesquisa em literatura e em leitura dramática contemporânea na formação do professor-pesquisador-artista. *In*: MUNIZ, Mariana Lima; CRUVINEL, Tiago; CONCILIO, Vicente (org.). **Pedagogia das artes cênicas**: experiências em escolas e comunidades. Curitiba: CRV, 2018.
- GOMES, Rafael. **Música para cortar os pulsos**: monólogos sentimentais para corações juvenis. São Paulo: Leya, 2012.
- KARAM, Vera. Ano novo, vida nova. *In*: KARAM, Vera. **Vera Karam**: obra reunida. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2013.
- ROSA, Gideon Alves. **Leitura dramática**: um recurso para revelação do texto. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Artes cênicas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- ROSA, Sonia. **Entre textos e afetos**: formando leitores dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- VASCONCELLOS, Luiz Paulo. **Dicionário de teatro**. 6. ed. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- VIDOR, Heloíse Baurich. **Leitura e teatro**: aproximações e apropriação do texto literário. São Paulo: Hucitec, 2016.

Data de recebimento: 19/09/2020

Data de aceite para publicação: 05/11/2020